

O IMPACTO DA AFASIA NA RELAÇÃO DO SUJEITO AJ COM A MODALIDADE ESCRITA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS¹

Larissa Picinato MAZUCHELLI²

RESUMO: A relação entre oralidade e escrita tem sido tema de pesquisa de diversas áreas. Devido à importância do tema, as discussões teóricas sobre tal relação são trazidas para os estudos sobre afasia como forma de melhor compreendermos tanto essa relação, quanto aspectos da (re)organização dos processos linguístico-cognitivos de sujeitos afásicos. Este trabalho apresenta algumas reflexões iniciais referentes à relevância dessa discussão para o estudo de caso do sujeito dessa pesquisa (AJ) e analisa dados de sua produção, com base em uma abordagem sócio-histórico-cultural que compreende a linguagem como atividade. A análise dos dados, de leitura e da interlocução derivada dessa leitura, revela aspectos do funcionamento da linguagem e da sua relação com a memória, além de indicar a necessidade de continuarmos nesse tipo de investigação.

Palavras-chave: afasia; estudo de caso; oralidade e escrita; neurolinguística

ABSTRACT: The relation between spoken and writing modalities is research topic of a wide range of different areas. Considering its importance, the theoretical discussions are brought to the studies of aphasia as a way to improve not only the comprehension of such relation, but also some aspects of the linguistic-cognitive (re)organization processes of aphasic subjects. This work, based on a social-historical-cultural approach, which defines language as activity, presents initial considerations towards the relevance of such discussion to the case study of the subject of this research (AJ). The analysis of the data, of reading and spoken interaction based on the reading, shows evidences of the function of language and its relation with memory, indicating, in addition, the necessity to continue this type of investigation.

Keywords: aphasia; case study; spoken and writing modalities; neurolinguistics

1. Introdução

Este texto é o resultado de minhas reflexões iniciais sobre a relevância de estudos sobre leitura e escrita nas discussões relativas às afasias. Ele faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o impacto da afasia na produção linguística do sujeito AJ e fundamenta-se no estudo longitudinal de caso deste sujeito, realizado por Canoas-Andrade (2009). Para dar início a esta reflexão, buscamos evidenciar como o uso real da

¹ Apesar de se tratar de uma primeira reflexão sobre os aspectos relacionados à leitura, e não ao processo de escrita propriamente dito, queremos salientar a importância da produção escrita na vida desse sujeito antes de ser acometido pelos diversos eventos neurológicos. Esse caráter será mais bem explorado no item “O sujeito AJ: a força das interações dialógicas”.

² Mestranda em Neurolinguística - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

língua, tanto na oralidade, quanto na escrita, é significativo tanto para a compreensão de fenômenos linguísticos comprometidos nas afasias quanto para subsidiar a prática terapêutica de sujeitos com lesões cerebrais.

Por se tratar de um primeiro momento de pesquisa, é necessário explicitar, contudo, que este trabalho não pretende fornecer evidências de como a afasia também impactou a produção escrita desse sujeito, mas refletir sobre algumas questões relativas à sua leitura – como forma de compreendermos seu papel no processo de (re)organização linguística e cognitiva desse sujeito e dos fenômenos linguísticos envolvidos. Nesse sentido, consideramos que o trabalho desenvolvido com o gênero narrativo (tanto oral como escrito) constitui-se como um método importante para obtenção de dados³ (HANKE, 2003) sendo, assim, possível observarmos tanto as dificuldades do sujeito com os processos de (re)organização linguístico-cognitiva, quanto as estratégias que ele utiliza para driblar tais dificuldades e reinserir-se no jogo da linguagem (COUDRY, 1986), por meio das *interações dialógicas* (BAKHTIN, 1929/1997).

Torna-se essencial, dessa forma, refletirmos sobre o papel da relação entre oralidade e escrita nos processos de avaliação e de conduta terapêutica. Tal relação, que tem se tornado um recorrente tema de pesquisa, estando, conseqüentemente, sujeita a uma grande diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, tem sua importância para os estudos relacionados às afasias, principalmente, por serem práticas sociais *constitutivas* do sujeito e determinantes de seu papel social (GNERRE, 1988).

A posição da Neurolinguística desenvolvida no IEL/UNICAMP, ao colocar no centro da teoria e prática terapêuticas o sujeito enquanto atuante com e sobre a linguagem, permite que possamos “resgatar” esse sujeito e melhor compreender os fenômenos linguísticos relacionados à sua condição, justamente porque a linguagem analisada em suas diferentes materialidades (oral e escrita), nessa perspectiva, não é dada, fixa e pronta, mas um fenômeno sócio-histórico, uma atividade humana tomada como lugar de interação e interlocução de sujeitos, indeterminada, incompleta e passível

³ Muitos estudos que se interessam por compreender as alterações na linguagem têm se beneficiado do uso do gênero narrativo como método por ele possibilitar a emergência de dados de língua(gem) e por propiciar a (re)organização dos processos linguístico-cognitivos. Ver, por exemplo, Beilke & Novaes-Pinto (2010), Pacheco & Novaes-Pinto (2010).

de (re)interpretação, em que tanto o sujeito quanto ela própria se constituem em um movimento dinâmico (FRANCHI, 1977; COUDRY, 1988, GERALDI, 1990)⁴.

O interesse por estudos de caso encontra, portanto, nessa perspectiva, um lugar receptivo teórico e metodologicamente porque, ao priorizarmos o singular, esses estudos mantêm o subjetivo que, apesar de individual, muito nos diz sobre processos mais gerais (ABAURRE, 1996). Ademais, como afirma Miceli (2001), os estudos de caso são responsáveis, em grande medida, na história das neurociências, por muitos dos avanços sobre o desenvolvimento de teorias sobre a organização e o funcionamento das funções psicológicas superiores.

O estudo de caso do sujeito AJ, nesse sentido, mostra-se singular (no sentido de GINZBURG, 1939), principalmente por termos um *corpus* constituído por textos de um jornal⁵ escritos por ele, onde temos acesso as suas produções antes dos eventos neurológicos que sofreu, sendo, portanto, instrumento fundamental para avaliarmos o impacto da afasia sobre sua produção oral e escrita, uma vez que poderemos comparar suas produções anteriores aos episódios neurológicos àquelas que ele ainda produz, mostrando-se, assim, como um caminho significativo para melhor compreendermos tanto a afasia como os processos cognitivos e linguísticos relacionados a sua condição.

2. O Sujeito AJ: a força das interações dialógicas

O breve histórico sobre os eventos neurológicos de AJ, aqui apresentado, resulta do trabalho de Canoas-Andrade (2009) e se faz necessário uma vez que tentamos evidenciar a importância que as interações dialógicas (BAKHTIN, 1929/1997) têm na avaliação e conduta terapêutica.

O sujeito dessa pesquisa é do sexo masculino, tem 74 anos de idade, é brasileiro, casado, economista e freqüenta o Grupo III do Centro de Convivências de Afásicos⁶

⁴ Novaes-Pinto (1999), baseada nas afirmações de Geraldi (1990), chama atenção para o fato de que a indeterminação é característica inerente da linguagem e que aceitá-la não implica aceitar uma impossibilidade de dizer algo com precisão. Não se trata, portanto, de uma “indeterminação absoluta”.

⁵ As informações referentes ao sujeito e a sua produção escrita se encontram no próximo item.

⁶ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) foi fundado pela Faculdade de Ciências Médicas (FCM/UNICAMP) e pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP), onde se encontra. O CCA conta, atualmente, com três grupos formados por sujeitos afásicos e não-afásicos e o conjunto de dados das sessões coletivas e individuais são vídeo-gravados, digitalizados e posteriormente transcritos, discursivamente, seguindo o modelo proposto pelo Banco de Dados em Neurolinguística (BDN). O BDN foi desenvolvido por Coudry e sua equipe, como parte do Projeto Integrado “Neurolinguística: avaliação e banco de dados”, iniciado em 2003 e ainda em andamento.

(CCA) desde agosto de 2006. AJ ocupou, em sua carreira, importantes cargos na gestão pública, sendo responsável por orçamentos de importantes órgãos e instituições entre os anos de 1969 e 1991.

Após sua aposentadoria, em 1991, AJ fundou um jornal, que era produzido em casa, com a ajuda de sua família. Tinha distribuição gratuita e edição semanal. Além da responsabilidade pelo editorial, AJ fazia comentários esportivos e escrevia uma coluna sobre economia. Em 1997, foi diagnosticado o primeiro AVC hemorrágico em região posterior occipital esquerda, que teve como consequência a perda temporária da visão direita e a perda permanente da visão periférica.

Em 1998, um aneurisma foi detectado na região temporal direita e em setembro do mesmo ano, antes mesmo da cirurgia para a clipagem de um aneurisma, pequenos AVCs lacunares em região frontal esquerda e região fronto-têmporo-parietal direita foram diagnosticados. Como seqüela, há relato (de sua esposa, TR) de perda da sensibilidade olfativa e de notável desinteresse pelo jornal e pelas atividades relacionadas a este. Segundo TR, não foi observada qualquer seqüela cognitiva ou linguística, fato questionado por Canoas-Andrade (2009)⁷ que acredita que o desinteresse pelo jornal era já um sinal evidente de alterações pragmáticas, considerando-se a importância que AJ atribuía às atividades relacionadas a ele. Segundo a autora, as atividades de escrita no jornal eram onde AJ mais exercia sua subjetividade, de forma plena.

Em 2003, AJ sofreu AVC isquêmico (em local distinto do local da clipagem), com perda temporária da fala. Em 2004, apresentou quadro convulsivo que resultou no diagnóstico de afasia não-fluente, com a produção de enunciados ora automatizados, ora ininteligíveis. Nessa época, a esposa de AJ relatou também dificuldades relacionadas à compreensão. Em 2005, em decorrência do acompanhamento neurológico, uma tomografia foi realizada, revelando a presença de alargamento de sulcos e fissuras cerebrais, além de sinais de atrofia córtico-subcortical.

Considerando-se os dados neurológicos e neurolinguísticos, Canoas-Andrade (2009) discute o tipo de afasia de AJ, categorizando-a como *fluente*, devido à presença

⁷ A autora, para fundamentar essa hipótese, baseia-se em Fonseca (2006), que afirma que as regiões temporal e parietal direitas, apesar de suas especialidades, participam conjuntamente na realização de funções cognitivas mais complexas, podendo levar, quando comprometidas, a alterações pragmáticas (FONSECA *et al.* 2006 *apud* CANOAS-ANDRADE 2009). Essa hipótese é explicada pela noção de solidariedade entre as áreas (Sistema Funcional Complexo, LURIA, 1981), tanto na organização e execução das funções complexas, como no rearranjo neurofuncional das funções comprometidas.

de um fluxo discursivo contínuo (apesar da produção de parafasias⁸, circunlóquios e digressões, das dificuldades de compreensão, agnosia⁹ e ausência de correção em determinadas circunstâncias) e *progressiva* devido, principalmente, ao agravamento de aspectos cognitivos e lingüísticos.¹⁰

Sintetizando os principais sinais cognitivos observados em AJ, destacam-se: dificuldades de atenção e de memória e dificuldade na solução de problemas (lógico-matemáticos); lentidão para executar comandos variados solicitados verbalmente; dificuldades de orientação espacial e temporal, agnosia visual parcial. Quanto aos aspectos lingüísticos mais observados, destacam-se: a dificuldade para selecionar palavras, produção de parafasias fonético-fonológicas ou semântico-lexicais, com ausência de auto-correção (o que indica a presença de uma anosognosia¹¹), além de alterações pragmáticas e discursivas: desrespeito aos turnos conversacionais e freqüente mudança de tópico discursivo, sem sinalizá-la aos seus interlocutores.

A autora elege o caso de AJ como um importante exemplo de *neuroplasticidade cerebral*¹² com forte influência epigenética, evidenciando, portanto, a importância do papel de *interlocutores qualificados*¹³ e demonstrando como, apesar de todos os episódios neurológicos ocorridos com AJ – que poderiam justificar um prognóstico de afasia global e de demência degenerativa – ele continua *resistindo* como sujeito social e

⁸ *Parafasia* é o nome dado à substituição de um som por outro (neste caso, fonológica) ou de uma palavra por outra (semântica ou lexical).

⁹ *Agnosia* é um *sinal* ou *sintoma* de impossibilidade de reconhecimento de objetos por suas características sensoriais.

¹⁰ O agravamento dos aspectos cognitivos e lingüísticos, somado às neuroimagens, que mostram um alargamento de sulcos e fissuras cerebrais e sinais de atrofia córtico-subcortical, fazem com que o quadro se assemelhe a uma demência (CANOAS-ANDRADE, 2009). Segundo a autora, as alterações de atenção e memória que, inicialmente, não interferiam nas atividades cotidianas de AJ, hoje dificultam consideravelmente o desenvolvimento de tarefas consideradas simples.

¹¹ *Anosognosia* é um *sinal* ou *sintoma* que se refere à falta de *consciência* do sujeito sobre suas dificuldades.

¹² Damasceno (1990), sobre o conceito de Sistema Funcional Complexo (LURIA, 1981), afirma: “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico do cérebro pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”, o que nos permite compreender como a influência epigenética é capaz de permitir que as funções cognitivas superiores sejam (re)organizadas por um cérebro lesado.

¹³ Baseando-se na definição proposta por Beilke (2007), Canoas-Andrade (2009) explicita que o *interlocutor qualificado* é aquele que não apenas conhece o funcionamento da língua, mas que é capaz de interferir, durante os processos interativos, na produção do sentido, de forma a auxiliar o sujeito com alteração de linguagem a alcançar seu *intuito discurso* (BAKHTIN, 1929/1997). Nesse sentido, tanto um profissional da área da saúde quanto um familiar ou acompanhante podem assumir adequadamente esse papel.

da linguagem ao estar imerso em situações dialógicas¹⁴ nas quais a significação é construída conjuntamente, numa ação solidária entre os “parceiros da comunicação verbal”, o que possibilita a constituição de seu *intuito discursivo* (BAKHTIN, 1929/1997).

Sacks (1995: 15), neurologista e escritor americano, no prefácio de seu livro, *Um antropólogo em Marte*, faz uma interessante reflexão sobre a importância do olhar sobre a relação sujeito e doença. Em suas palavras¹⁵:

Esse sentido da notável maleabilidade do cérebro, sua capacidade para as mais impressionantes adaptações, para não falar nas circunstâncias especiais (e frequentemente desesperadas) de acidentes neurológicos ou sensoriais, acabou dominando minha percepção dos pacientes e de suas vidas. De tal forma, na realidade, que por vezes sou levado a pensar se não seria necessário redefinir os conceitos de “saúde” e “doença”, para vê-los em termos da capacidade do organismo de criar uma nova organização e ordem, adequada a sua disposição especial e modificada e a suas necessidades, mais do que em termos de “norma” rigidamente definida.

Nesse sentido, o trabalho de Canoas-Andrade (2009) evidencia o potencial do sujeito em *resistir* à sua condição. Segundo a autora (p.121): “o fato de AJ sobreviver a todos os episódios neurológicos dos quais foi vítima, nos mostra a presença do sujeito na doença. O fato de continuar sendo sujeito, apesar dos impactos e das lesões em sua vida, nos mostra a força das interações sociais e dialógicas”.

3. Considerações sobre a relação oral/escrita nos estudos sobre afasias

Ao retomarmos, brevemente, o modo como a afasiologia concebeu, ao longo de sua história, a relação entre oralidade e escrita, podemos compreender porque esta relação ainda está à margem das discussões e práticas terapêuticas.

Até o século XIX, a escrita era vista unicamente como simulacro da fala e a linguagem oral era reduzida a um ato motor (SANTANA, 2002). Como consequência, a

¹⁴ Canoas-Andrade (2009) chama a atenção para as dinâmicas de inserção social e as atividades de linguagem propiciadas pela sua família e em ambientes como o do Centro de Convivência de Afásicos, que fazem muita diferença para um quadro de afasia como o de AJ. Tais atividades desaceleram o curso da doença e diminuem os efeitos dos comprometimentos cognitivos em sua vida.

¹⁵ Sobre a relação entre normalidade e patologia, ver Canguilhem (1943/1995)

afasia era concebida como problema meramente fono-articulatório, confundido com fenômenos como *apraxia* e *disartria*¹⁶.

Embora a relação oralidade/escrita seja tema de controvérsias no meio científico e acadêmico, há na Linguística o consenso de que tal relação seja estreita. Nos estudos neurolinguísticos tradicionais, entretanto, isso é, na maioria das vezes, desconsiderado, tanto nos procedimentos avaliativos como nos acompanhamentos terapêuticos.

A conduta neuropsicológica tradicional, tanto de avaliação quanto de acompanhamento terapêutico de linguagem, como nos mostra Coudry (1988) e Coudry & Possenti (1983), tem corroborado a concepção de linguagem enquanto sistema fechado, bloco estável formalizado. O que se observa são práticas em que as produções linguísticas de sujeitos afásicos (ou de sujeitos com outras alterações linguísticas) são avaliadas a partir de um estreitamento de possibilidades, pois os atos singulares de enunciação de cada sujeito são tomados como variações (indesejáveis) ou até como deformações das formas padrão orais e escritas.

Com relação à escrita, as atividades e exercícios utilizados nas baterias de teste de avaliação da linguagem tendem a incluir, de um modo geral, o ditado, as cópias, os exercícios metalinguísticos (SANTANA, 2002) em que não há um uso real de linguagem. As tarefas são apresentadas de uma forma em que não há espaço para que o sujeito trabalhe com/na língua(gem). Geralmente, há um tempo limitado e reduzido para que o sujeito copie, escreva sob ditado, descreva uma figura ou uma seqüência de figuras (ao que chamam de produção narrativa), dentre outros exemplos.

Ademais, essa forma padrão, rígida, fixa e invariável, visível nessas atividades de avaliação, torna-se parâmetro para o avaliador, que se empenha em buscar falhas, revelar desvios. O sujeito (afásico ou não) torna-se, assim, simples reproduzidor daquilo que é, na verdade, uma abstração teórica. Essa visão tradicionalista sobre a linguagem é transportada para a avaliação de linguagem oral e escrita em que a gramática normativa escrita representa mais um “momento de imposição de uma norma linguística atrás das instituições do estado, controladas pela sociedade política” (GNERRE, 1988: 23).

O próprio conceito de “escrita”, nas teorias subjacentes a essas avaliações, é muitas vezes divergente, o que pode contribuir para o empobrecimento tanto da reflexão sobre escrita enquanto objeto de estudo, quanto da avaliação do sujeito e de sua

¹⁶ Para uma discussão sobre a semiologia das afasias, com relação às confusões encontradas nas teorias e práticas terapêuticas entre afasia, apraxia e disartria, ver Freitas (1997).

alteração de linguagem. Esta discussão, no âmbito dos estudos das afasias, abrange e transcende tais questões, uma vez que a leitura e a produção escrita passam a ser, para os sujeitos afásicos, um processo “alternativo” de significação. Em alguns casos, o sujeito só passa a reconhecer o papel funcional da escrita ou de outras formas alternativas de significação, a partir da afasia (NANDIN, 2009)¹⁷.

Gnerre (1988), ao refletir sobre as origens e conseqüências da suposta superioridade da escrita sobre a oralidade, lembra que a riqueza linguística de ambas está na circularidade entre o que chama de criatividade na escrita e criatividade na oralidade. Portanto, qualquer atividade que pretenda compreender a escrita (ou mesmo a produção oral) de sujeitos afásicos (no nosso caso, de AJ) não pode concebê-la como superior à oralidade, mas como mais uma forma de comunicação que pode muito nos dizer sobre fenômenos de linguagem e sobre os sujeitos.

Santana (2002) aponta que temos, atualmente, duas correntes teóricas, nos estudos relacionados à afasia, acerca dessa relação entre oralidade e escrita. A primeira assume que leitura e escrita sejam processos diferenciados da oralidade – no sentido de “apartados”, sem relação – e a segunda, em contrapartida, postula que escrita e oralidade são partes do mesmo mecanismo linguístico-cognitivo, o que explicaria a impossibilidade de existência de distúrbios isolados. A nosso ver, portanto, grande parte das descrições neuropsicológicas que afirmam haver comprometimento seletivo - só da oralidade ou só da escrita - deriva do método de avaliação, centrado em uma única função da linguagem: a metalinguística, e tem como principal objetivo corroborar modelos componenciais (modulares, computacionais) de organização linguístico-cognitiva (NOVAES-PINTO, 1999).

Corrêa (2006), baseado na teoria de Bakhtin (1929/1997), percorre, nos estudos de Linguística Aplicada, um caminho contrário ao de muitas perspectivas que se empenham em compreender essa relação. Sua discussão é trazida para o campo da Neurolinguística como maneira de repensarmos o modo de compreender tanto essa relação quanto a avaliação de linguagem desses sujeitos. Segundo o autor, a dicotomia entre oralidade e escrita tem sido vista, por alguns, como um recurso metodológico, em que uma dimensão entre posições tidas como prototípicas de um ou de outro geram a

¹⁷ Como exemplo de estudos que tratam desse tema, citamos o trabalho de Nandin (2009) em que a autora demonstra, a partir de um estudo longitudinal de caso, como um sujeito com uma afasia motora eferente, de grau severo, pode significar por meio de processos alternativos de significação (como a escrita e o gesto), apesar de suas dificuldades.

idéia de um “continuum de gêneros textuais”¹⁸. Ao se opor a essa compreensão da relação, o autor faz um retorno à perspectiva de Bakhtin para evidenciar a necessidade de não fixarmos¹⁹ a característica determinante da noção bakhtiniana de *gêneros do discurso*: sua instabilidade relativa, que confere um dinamismo ao processo de leitura e de produção escrita e uma convivência “sincrônica” com outros gêneros (CORRÊA, 2006).

A discussão proposta por Corrêa é interessante para os estudos pelos quais a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva se interessa por nos permitir, ao não visar um “produto final” e não sedimentar a instabilidade relativa característica dos gêneros, melhor compreender a relação de gêneros em diferentes tipos de materializações (oral ou escrita) e, portanto, de recursos linguísticos. A noção de *relações intergenéricas* (BAKHTIN, 1929/1997) é retomada por Corrêa como maneira de constituição de política linguística de ensino de escrita, mas para nós pode ser vista como um caminho para melhor compreendermos tanto a relação entre os elementos linguísticos mais estáveis em determinado gênero e sua relação com outros gêneros utilizados em sua produção, como os processos de (re)organização linguístico-cognitivo de sujeitos como AJ.

Nesse sentido, o trabalho que buscamos empreender e que aqui apresentamos apenas como uma primeira reflexão, com base em uma análise microgenética²⁰ (VYGOTSKY, 1986), não se interessa (ou não se restringe) por uma comparação entre as materialidades de produções escritas e orais, mas pela análise de produções de enunciados²¹, por acreditarmos que escrita e oralidade não podem ser estudadas dissociadamente e que essa relação é fundamental – estando presente nas produções enunciativas, dentro dos gêneros discursivos – não somente para a avaliação da

¹⁸ O autor faz referência aos estudos de Biber (1988) e Marcuschi (2001), como exemplo de olhares sobre essa relação.

¹⁹ Nesse sentido, Faraco (2009) faz uma discussão interessante sobre o modo como Bakhtin tem sido lido em diversas áreas (tanto no Brasil como no exterior), chamando a atenção para a necessidade de compreendermos categorias como a de *gêneros do discurso* como filosóficas, não devendo, portanto, serem normatizadas, fixadas como métodos ou modelos estáveis.

²⁰ A análise microgenética, defendida por Vygotsky (1986), prevê uma “análise em unidades que conserva as suas propriedades”. Esse método de análise de dados, ao enfatizar as relações das unidades, sem perder de vista o “todo” do processo, torna-se estratégia fundamental para a compreensão tanto de fenômenos de linguagem quanto das funções cognitivas superiores, estando de acordo com a teorização do modelo luriano que fundamenta nossa visão de cérebro, de avaliação de linguagem e de prática terapêutica.

²¹ Para Bakhtin (1929/1997), os enunciados refletem as especificidades e as finalidades de cada campo de atividade humana, sendo, portanto, a “unidade real da língua”. Segundo o autor, eles são constituídos através do conteúdo, estilo e construções composicionais, como a relação entre os falantes e os outros participantes da comunicação. Deles se constitui o gênero, como forma típica, relativamente estável.

linguagem de sujeitos afásicos, mas também para a orientação de condutas terapêuticas em que a escrita e a leitura se mostrem como possibilidades alternativas de significação.

A produção escrita pode ter, nesse sentido, uma função de *construção intermediária* (ABAURRE & COUDRY, 2008), contribuindo para a manifestação do intuito discursivo dos sujeitos afásicos. Em outras palavras, a escrita do sujeito afásico não deve ser vista como um produto finalizado (em que se privilegiariam análises que revelem desvios e omissões, como já dito anteriormente), mas como construções intermediárias que poderão contribuir, inclusive, para a verbalização e para os processos de reorganização da linguagem e da memória.

4. Análise e discussão dos dados

Contexto do episódio: ocorrido em sessão de acompanhamento individual no CCA (Centro de Convivência de Afásicos, IEL/UNICAMP), a investigadora **Ilm** apresenta a **AJ** um pequeno texto sobre a história do time da Ponte Preta para que conversem depois a respeito.

Considerando-se o momento da pesquisa e o objetivo deste trabalho, apresentamos a leitura de AJ do primeiro parágrafo desse texto (dado 1), destacando em **negrito** as partes que AJ leu de maneira inesperada e a interação dialógica (dado 2) decorrente da leitura do parágrafo.

O ano era 1900 e na, cidade de Campinas, **um grupo de alunos do Colégio Culto à Ciência** passava suas tardes jogando bola em campos improvisados de **um bairro de nome curioso: Ponte Preta. A vizinhança fora batizada** em virtude **de uma ponde de madeira** feita pela ferrovia **e que, para ser melhor conservada, havia sido tratada com piche.**²²

DADO 1: leitura do primeiro parágrafo do texto: *Ponte Preta, o primeiro time do Brasil*

Trechos do texto original	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal
um grupo de alunos	AJ	um grupo dedicado	
	Ilm	de alunos	
	AJ	de alunos	

²² Esse texto foi retirado do site da Ponte Preta e pode ser acessado nesse endereço: <http://www.pontepreta.com.br/v2/index.php?acao=exibirDoc&idDoc=5>

Colégio Culto à Ciência	AJ	colégio culto e ciência	
um bairro de nome curioso	AJ	um bairro chamado de	pausa longa
	AJ	nome curioso	
	AJ	curioso	
a vizinhança fora batizada	AJ	(<i>não compreensível</i>) enfaticada	
		enfaticada né?	tom: interrogação
	Ilm	batizada	
	AJ	batizada	tom: confirmação
de uma ponte de madeira	AJ	ponte que mandava	
	Ilm	opa...	tom: correção
	AJ	ponte de madeira	
	Ilm	ahan	tom: confirmação
e que, para ser melhor	AJ	e que	Pausa
	AJ	ser melhor	
tratada com piche	AJ	ponte com /p ^t sch/	
	Ilm	tratada com	tom: interrogação
	AJ	com /p ^e sh/	
	Ilm	com piche	tom: afirmação
	AJ	piche	

DADO 2: interação iniciada após a leitura do primeiro parágrafo.

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
Ilm	é por isso que chama ponte preta, seu AJ, eu não sabia disso		silêncio
Ilm	tinha a ponte	pausa	AJ continua olhando para o texto
Ilm	de madeira		

AJ	sabe que eles davam nome de piche	falando junto com Ilm	
Ilm	Ahan	tom: confirmação	
AJ	davam nome, davam nome de nego		
Ilm	ah, de nego!	tom: surpresa	
AJ	É	tom: confirmação	
Ilm	ahan, porque é dessa cor, né, muito preta?		Apontando para a cadeira em que AJ estava sentado
AJ	eles davam o nome de negro		
Ilm	piche?	tom: interrogação	
AJ	então ponte preta de negro		
Ilm	ah, por causa da cor do piche, né?		AJ confirmando com a cabeça

No episódio descrito nos dados 1 e 2, a leitura de AJ nos permite criar algumas hipóteses sobre a maneira como os recursos linguísticos se organizam em sua produção e como ele os utiliza para driblar as dificuldades impostas pela afasia, para a (re)organização da linguagem e das memórias, a fim de alcançar seu *intuito discursivo*.

Sobre a leitura de AJ (dado 1), podemos levantar algumas hipóteses iniciais sobre os “erros” cometidos por ele enquanto lia. Acreditamos, por exemplo, que a troca de “um bairro de nome curioso” por “bairro chamado de” poderia ser explicada pela emergência de sintagmas cristalizados que, durante a produção, surgem sem serem “controlados” por quem os produz. A produção de uma “paralexia semântica” também é uma hipótese considerada, já que é possível que a troca de “nome” por “chamado” tenha motivação semântica. Há, ainda, a possibilidade de que outra produção inesperada, a troca de “vizinhança fora batizada” por algo incompreensível seguido por “ênfaticada”, seja decorrente de uma produção de “paralexia fonológica”, isto é, a leitura de uma palavra que não está no texto é realizada no lugar de outra pretendida, tendo motivações sonoras, como semelhanças fonético-fonológicas.

Apesar de os dados serem insuficientes para observarmos *regularidades* e verificarmos essas hipóteses, eles apontam para a necessidade de que isso seja feito como maneira de compreendermos o papel da leitura e da escrita, tanto no processo de (re)organização cognitiva e da linguagem, quanto da afasia de AJ.

Podemos observar, por exemplo, que no momento da interação (dado 2), o enunciado “então ponte preta de negro”, parecia fazer apenas uma referência direta à uma possível relação entre a relação “piche – negro”. Contudo, a análise microgenética, na medida em que nos permite analisar dados e levantar hipóteses que nos ajudem a compreender melhor os fenômenos envolvidos, fez-nos pensar também que a leitura do texto trouxe à tona uma *memória discursiva*: o enunciado em questão estaria fazendo referência ao fato desse time ser o primeiro time da chamada democracia racial do futebol. A referência histórica²³ (disponibilizada no site da instituição), que diz respeito à inclusão de jogadores negros na formação do time, é conhecida por grande parte dos torcedores e tem uma forte possibilidade de ser parte da memória de AJ, devido ao trabalho desenvolvido por ele como tesoureiro da instituição no fim da década de 60 e início da década de 70.

Vemos, portanto, a importância do gênero narrativo (várias histórias numa história/memória discursiva) que possibilitou a (re)organização dos processos linguísticos e cognitivos - principalmente a *memória*, mas também *atenção*, mostrando quais os outros arranjos/modos que AJ utiliza para produzir sentido e assumir sua posição de sujeito. A produção oral de AJ (dado 2), com base na leitura que fez (dado

²³ No site da instituição, encontramos o seguinte trecho sobre a declaração de a Ponte Preta ser “a primeira democracia racial”: “Já a Ponte Preta não faz distinção de raça desde sua fundação, em 1900 - portanto bem antes do Vasco. Entre os fundadores da Ponte existiam negros e mulatos, sendo que um deles, Miguel do Carmo, se tornou jogador titular do primeiro elenco alvinegro, ainda no ano da fundação. A Ponte Preta inclusive já requisitou junto à Fifa o reconhecimento internacional por ter sido o primeiro time de futebol do mundo a aplicar o conceito de democracia racial. Mais ainda, a Ponte abraçou esta democracia em suas mais profundas raízes, a ponto de ter transformado preconceito em honra. A torcida do clube sempre foi animada e acompanhava o time em todos os jogos do interior do Estado de São Paulo. Por ter na torcida uma base popular e operária, e por ter muitos negros tanto em campo quanto fora dele torcendo pelo sucesso do time, muitas vezes o time era recebido nos estádios adversários de maneira hostil. Em uma época em que o conceito de racismo mal era conhecido, os rivais falavam que a torcida era formada por “macacos”, que o time era uma “macacada”. Em vez de brigar, a torcida transformou hostilidade em bom-humor e assumiu o apelido: a Ponte tem orgulho desde sempre de ser a Macaca, todos os seus torcedores amam a Macaquinha e fazem questão de ser os macacos do alambrado”. O texto pode ser encontrado na íntegra no endereço:

<http://www.pontepreta.com.br/v2/index.php?acao=exibirDoc&idDoc=4766>

1), apesar de aparentemente “desorganizada”, dá-nos *indícios* dessa (re)organização e mostra AJ *resistindo como sujeito social e de linguagem*.

5. Considerações Finais

Podemos observar, a partir da reflexão apresentada e da análise dos dois dados, que o gênero narrativo, nesse momento abordado apenas por meio da leitura, é um método interessante para buscarmos processos em desenvolvimento e dados de língua(gem), uma vez que a construção da narrativa exige uma (re)organização tanto das estruturas linguísticas, quanto cognitivas.

Os dados mostram ainda como o sujeito AJ se beneficia das interações dialógicas com o que temos chamado de “interlocutor qualificado”. Ademais, a leitura desse primeiro parágrafo parece ter contribuído para que AJ alcançasse o seu *intuito discursivo*, iniciando, inclusive, o tópico da interação (“sabe que”). Nesse sentido, a análise dos dados e o interesse de AJ por compartilhar com seu interlocutor a recordação de uma lembrança que emergiu dessa leitura realizada em uma situação dialógica mostram como temos de voltar nossos olhos, como coloca Sacks (1995), para a capacidade do organismo de (re)criar maneiras para se (re)organizar, apesar do impacto dos eventos neurológicos e das dificuldades por eles impostas. São essas atividades com o uso real da língua(gem), fundamentadas por essa visão sócio-histórica de linguagem e de sujeito atuante com e na língua(gem), realizadas por meio de interações dialógicas, que o curso da doença é desacelerado, diminuindo os efeitos dos comprometimentos cognitivos em sua vida, além de pôr em cheque prognósticos pessimistas que, ao fixar e normatizar tanto a língua quanto o sujeito, não permitem que ele possa se constituir como sujeito social e de linguagem.

A análise dos episódios dialógicos contribui, dessa maneira, para a teorização sobre os processos cognitivos complexos, ao revelar aspectos do funcionamento da linguagem e da sua relação com a memória, além de permitir compreender variações individuais, uma vez que essas funções superiores complexas são histórica, social e culturalmente constituídas.

A leitura nos parece, portanto, nesse primeiro momento, ser um lugar significativo para buscarmos dados sobre a (re)organização cognitiva e linguística do sujeito AJ, mas atentamos para as necessidades de continuarmos investindo nesse tipo

de reflexão e análise, no sentido de buscar regularidades possíveis nos desvios de leitura de AJ. Nesse sentido, o próximo passo dessa reflexão é também verificar, na escrita, se encontramos os mesmos fenômenos observados na leitura e quais *indícios* eles podem nos revelar sobre o papel da leitura e da escrita na (re)organização linguístico-cognitivo de AJ.

7. Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. “Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita”. In: CASTRO, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- ABAURRE, M. B. M. & COUDRY, M. I. H. “Em torno de sujeitos e olhares”. In: *Estudos da Lingua(gem)*, v.6, pp 1-10, 2008
- BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução feita a partir da versão em francês por PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BEILKE, H. M. B. & NOVAES-PINTO, R. C. “A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das ‘memórias’ por meio de práticas dialógicas”. In: *Revista Estudos Lingüísticos*, São Paulo, n. 39, v.2, pp. 557 - 567, 2010
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995
- CANOAS-ANDRADE, R. C. *Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente/progressiva: interferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica*. Dissertação (mestrado) – IEL/UNICAMP, Campinas, SP, 2009
- CORRÊA, M. L. G. “Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos”. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n. 45, v.2, pp. 205 – 222, 2006
- COUDRY, M. I. H. (1988) *Diário de narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 3. ed. São Paulo: Martins. Fontes, 2001
- COUDRY, M. I. H. & POSSEATI, S. “Avaliar discursos patológicos”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v.5, pp 99-109, 1983

- DAMASCENO, B. “Neuropsicologia da atividade discursiva e seus estudos”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v.19, pp147-157, 1990
- FARACO, C. A. “O Círculo de Bakhtin”. In: *Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.
- FONSECA, R. P.; FERREIRA, G. D.; LIEDTKE, F. V. *et al.* *Alterações cognitivas, comunicativas e emocionais após lesão hemisférica direita: em busca de uma caracterização da Síndrome do Hemisfério Direito*. *Psicol. USP*, v. 17, n.4, pp. 241-262, 2006
- FRANCHI, C. “Linguagem: atividade constitutiva”. In: *Almanaque 5*. SP: Brasiliense, 1977
- FREITAS, M.S. *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: contribuições para uma caracterização lingüística na afasia*. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP, 1997
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- GIZBURG, C. (1939). “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1988
- HANKE, M. “Narrativas orais: formas e funções”. In: *Contracampo*, v.9, pp. 117 -125, 2003. Acessado em 02/07/2009 e disponível no endereço eletrônico: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/view/32/31>
- LURIA, A. R. *Fundamentos de neuropsicologia*. São Paulo, SP: EDUSP, 1981
- MICELI, G. “Disorders of single word processing”. In: *JON*, n° 517, pp. 658 - 664, 2001
- NANDIN, T. L. C. “Estudo de caso de um sujeito com afasia motora eferente na perspectiva da neurolingüística discursiva”. In: *Língua, Literatura e Ensino*, vol. 4, 2009
- NOVAES PINTO, R. C. “Indeterminação da linguagem na afasia”. In: *Anais do GEL XXVIII*, 1999
- PACHECO, M. C. & NOVAES-PINTO, R. C. “Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente”. In: *Revista Estudos Lingüísticos*, São Paulo, 39, v. 2, 2010
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTANA, A. P. *Escrita e Afasia – a linguagem escrita na afasiologia*. SP: Plexus, 2002
- VYGOTSKY, L. S. *Thought and Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986